

Sem-abrigo: nem à minha volta, nem na minha rua?

Você acredita verdadeiramente em 2002 ? Eu não quero destruir as suas ilusões, mas... Podemos olhar o calendário quantas vezes quisermos ou consultar a programação da agenda, isso nada mudará. Todos sabemos que 2002 é um ano do século XXI, mas nem sequer temos a certeza de o mesmo ainda ter começado. Olhemos pela janela e vejamos o que se passa, na maior parte das ruas das nossas grandes cidades. Façamos, por exemplo, um pouco de itinerância.

Na realidade há toda uma variedade de pessoas que se encontram temporariamente na rua. O errante, o sem-abrigo, o mendigo, o "clochard", o vagabundo, o sem domicílio - variedade de termos que descrevem uma condição de vida fundada sobre a indigência, a instabilidade residencial e a exclusão - estão omnipresentes nos aglomerados urbanos desde os tempos mais remotos da Antiguidade até aos nossos dias.

Como sabemos, as sociedades desenvolvidas, ainda hoje, carburam de uma forma industrializada. Cada coisa no seu lugar, cada pessoa no seu posto, cada instituição na sua missão específica, cada cidadão na sua casa. Sem mesmo termos disso consciência, somos adeptos cegos de duas regras, para nós básicas, de vida em sociedade: habitar e trabalhar. São a norma número um e a regra de ouro da nossa moral. É como se o domicílio fosse mais um atributo de natureza biológica do que um processo de aprendizagem social.

Ora, os sem-abrigo não se deixam caçar, nem classificar: ocupam o espaço de outra forma e muito mais passivamente o seu tempo. Nos espaços públicos, nos seus percursos, parecem dirigir-se para lado nenhum, nunca fazer nada, ou servir ninguém. Por isso, tornam-se aos olhos da maioria dos seus concidadãos um objecto estranho, de agitação radical, incómodo, em suma. Curiosamente, esta estranha inquietação desvalorizadora por parte da sociedade, começa também, cada vez mais, a ganhar espaço no campo da apreciação do comportamento das pessoas que têm um estilo de vida mais sedentário.

No entanto, uma coisa é certa. O sem-abrigo não pode continuar a ser considerado como um "corpo estranho no caminho", que está ali por acaso e que se torna necessário e urgente proteger, abrigar, ou imobilizar no espaço. O sem-abrigo tem também uma alma, quer dizer, mais prosaicamente, uma dinâmica interior, feita de recordações, de sentimentos, de desejos e mesmo de expectativas. Como cidadão, ele tem direitos, aliás, uma realidade que temos frequentemente tendência a esquecer. Ele tem o direito de utilizar os espaços públicos, de deambular nas ruas, de se sentar nos parques, de abordar e falar aos passeantes, ou de se sentar tranquilamente num estabelecimento para tomar um café.

Mas quer isto dizer que não há soluções? Que a única coisa a fazer é a aceitação das coisas tal como estão ou a frequente dádiva envergonhada. Não, claro que não. As pistas de solução existem, estão bem documentadas e esperam, para serem colocadas em prática, maior dedicação e empenhamento da parte dos nossos políticos.

Entretanto, por que não começar por respeitar um pouco mais as pessoas "marginais". Por que não aproximarmos delas, fazendo-lhes sentir que as consideramos mais do que um corpo vazio e sem sentido. Por que não começarmos a tratá-las como alguém que pertence à mesma sociedade, que não é uma ameaça ambulante que deve ser permanentemente punida e controlada socialmente.

Por que não ?